

Editorial

Este número especial do *Boletim do CODESRIA* é uma homenagem ao Professor Joseph Ki-Zerbo, falecido a 4 de Dezembro de 2006 em Ouagadougou (Burkina Faso). Joseph Ki-Zerbo representava um dos intelectuais-cidadãos mais ilustre de África. Historiador universitário de primeira categoria, pan-africanista ao longo de toda a sua vida por instinto e por escolha, militante implacável a favor da mudança social e da justiça social, defensor incansável da independência colectiva africana, docente de pelo menos três gerações de investigadores africanos em ciências sociais, fonte de inspiração inesgotável para muitos que tiveram a sorte de se encontrar com ele, um grande exemplo de altruísmo para a comunidade, Iroko gigante, rei da floresta tropical, mantendo a cabeça erguida na dignidade e na majestade. Este é, em quinta-essência, Joseph Ki-Zerbo que, após uma estadia de 84 anos entre nós, foi-se agora embora, deixando as suas marcas indeléveis na areia do tempo – de todos os tempos – e lançando-nos um desafio em honra da sua memória, para agarrar o testemunho com coragem e engajamento até que a África esteja toda libertada.

Nascido de um pai com a reputação de ter sido o primeiro convertido ao cristianismo na zona conhecida na época com o nome de Alto Volta, Joseph Ki-Zerbo teve que definir muito cedo uma trajetória clara para si mesmo enquanto historiador engajado, manifestando um interesse profundo e constante pelos dois projectos que são a democracia e o desenvolvimento em África. Segundo Penda Mbow, David Musa Soro, Salim Abdelmadjid, Toyin Falola, Lazare Ki-Zerbo e outros, Joseph Ki-Zerbo, enquanto jovem universitário, investiu-se no estudo da história de África, contribuindo, através das suas primeiras obras, simultaneamente para enriquecer e pôr em causa os erros da época relativamente à África, e não menos importante, o discurso racista largamente difundido da época segundo o qual a África não tinha história. Com outros historiadores nacionalistas da época, eles formaram um corpus de literatura que se tornou no núcleo da história africana enquanto domínio de conhecimentos dotado com os seus métodos e instrumentos. Uma parte importante deste esforço foi sintetizado na *História Geral de África*, publicado pela Unesco e cuja edição dirigiu. Mas como observam Doulaye Konaté e Thierno Mouctar Bah, no seu papel enquanto cidadão dos historiadores africanos, ele dedicou também o seu tempo à edificação da base institucional da produção e da reprodução dos conhecimentos históricos em África e em relação à África. O papel capital que ele jogou na criação da Associação dos Historiadores Africanos (AHA) não constituía senão um aspecto dos seus engajamentos em relação a isso.

A erudição de Joseph Ki-Zerbo relacionou-se com a necessidade de proteger e de promover a dignidade africana com um engajamento intelectual e político para documentar e pôr em causa as histórias de fontes diferentes. As suas obras, declarações e actividades, celebraram simultaneamente as contribuições de África para a civilização humana e o que a África deveria fazer, segundo ele, para retomar a iniciativa nas questões essenciais para o seu destino. Criticando muito as iniciativas exógenas e a própria passividade dos africanos no processo de

desenvolvimento de África, Joseph Ki-Zerbo lançou inúmeras vezes um apelo para que os africanos tivessem um conhecimento de si próprios. Recomendou, em relação a muitos aspectos, e praticou a documentação metódica das culturas e das histórias pré-coloniais de África como imperativo categórico para conhecimento de si própria, confiança em si própria e dignidade necessárias para se fundar o desenvolvimento africano a partir das necessidades africanas. O desenvolvimento endógeno necessita de uma pesquisa endógena que, a nível conceptual, esteja livre das hipóteses básicas e que não tomam em conta as realidades e as experiências africanas. A nível metodológico, esta busca tem de ser flexível de tal modo que integre as fontes escritas, orais, arqueológicas, linguísticas e antropológicas, e seja guiada pela interdisciplinaridade, a endogeneidade, o espírito das civilizações, das instituições, das estruturas técnicas, sociais, políticas e culturais africanas (Ki-Zerbo 1986: 22-32; 1992: 28-67).

Para J. Ki-Zerbo, apenas esse investimento no conhecimento de si próprio e no saber alternativo tomando em conta as perspectivas africanas poderia garantir que os africanos mudassem e se libertassem pouco a pouco da sua oposição incomfortável em cima da “esteira dos outros” e deixando de defender um sistema educativo muitas vezes em desacordo com os seus próprios contextos culturais e as suas inexperiências vividas. O desenvolvimento, J. Ki-Zerbo nunca se cansou de defender, deveria vir não de empréstimos estéreis, da capacidade de endividamento ou do fascínio que exercem os gadgets e os produtos de consumo dos outros euro-americanos, mas da integração africana, da pesquisa e da formação. Ele afirmou: “O desenvolvimento africano será endógeno ou não o será”. E para engendrar esse desenvolvimento, lançou um apelo para uma democracia pertinente no plano contextual, do género largamente desenvolvido por um outro ícone desaparecido do saber africano e um dos pais fundadores do CODESRIA, o Professor Claude Ake (Ki-Zerbo 1992: 1-71). Recomendou igualmente o enraizamento da África nos seus sistemas educativos endógenos a fim de se garantir melhor um sistema colectivo autónomo para a auto-reprodução (Ki-Zerbo 1990).

A mensagem de adeus do Professor Joseph Ki-Zerbo é tão simples e coerente como ele o foi sempre: os africanos devem colocar-se acima da situação onde não são mais do que parasitas das lixeiras do mundo, ou então reduzidos a se alimentarem com as migalhas e os restos dos outros. Ele indicou: “Dormir na esteira dos outros é como se se dormisse no chão”. Os africanos deve ter orgulho nas suas próprias esteiras culturais e intelectuais, por muito modestas que elas sejam, pois abrir-se aos outros não deverá ser sinónimo de esquecer-se dos seus próprios valores, métodos ou da sua própria criatividade (Ki-Zerbo 1992: vii).

Ki-Zerbo fustigou muitas vezes a maneira como os intelectuais africanos se reduziram ao silêncio, quer dizer, calando-se eles próprios em relação às questões de desenvolvimento do seu próprio continente. Resumiu uma vez a sua frustração a este

propósito nestes termos: “Silêncio: Estamos a desenvolver”. Ele não acreditava na existência de uma dicotomia entre o intelectual e a política. Estava convencido de que um intelectual devia ser socialmente responsável e politicamente engajado. E, como testemunham as homenagens que se seguem, engajou pessoalmente o seu intelecto na procura da justiça política e social no seu Burkina-faso natal e no resto do continente pelo qual ele nutria um sonho pan-africanista. Em 1958 criou o *Movimento de Libertação Nacional* (MLN) que dirigiu até à sua morte, participando activamente na procura de democracia enraizada nos valores africanos (ver Basile L. Guissou e Cheikh Hamidou Kane, abaixo).

Para Ki-Zerbo, a pesquisa e a documentação da história de África foram talvez a maior preocupação a que se dedicou inteiramente. Mas por si só, isso não bastaria se essa história – com os seus tempos fortes e fracos – não servisse como ponto de partida para a criação de uma fundação autónoma para a emancipação política, económica, social e cultural de África e dos seus povos. E foi no quadro desta preocupação que ele acabou por mergulhar, enquanto pesquisador e militante, nas lutas pela libertação nacional, democracia, justiça social e desenvolvimento, fazendo isto sem se desculpar diante dos que consideraram talvez que ele tivesse ido demasiado longe, para além da sua vocação de pesquisador, para mergulhar nas contestações políticas locais e internacionais. Assim, ele teve que assumir diversos papéis ao mesmo tempo: professor universitário prolífico, militante incansável em diversos movimentos sociais, dirigente de partido, sobretudo na oposição, e finalmente, a consciência da nação africana. É assim, como indicam o Cheikh Hamidou Kane e Basile Guissou neste número, o inimitável Ki-Zerbo, um homem apaixonado pelas suas convicções e que estava pronto a pagar o preço que fosse necessário, incluindo o facto de abandonar o seu cargo de professor em França para se apresentar como voluntário no Estado da Guiné recém- independente dirigida por Sékou Touré que tinha conseguido mobilizar o povo para rejeitar o projecto neo-colonial de federação francesa alargada proposto por Charles De Gaulle; teve que passar também algum tempo no exílio longe do Burkina Faso nos anos 80.

Poucos intelectuais da geração de Ki-Zerbo surgiram para se tornarem numa enciclopédia viva da história humana, incluindo lembranças detalhadas de muitos acontecimentos que são datadas na história de África e do mundo do século vinte dos quais ele próprio foi muitas vezes testemunha, ou neles participou indirectamente. Ele trabalhou, de maneira oficial e informal, com muitos dirigentes do projecto de independência africana, de entre os quais Kwame Nkrumah, Sékou Touré, Frantz Fanon, Modibo Keita, Amílcar Cabral, Jomo Kenyatta, Tom Mboya e Julius Nyerere, apenas para citar alguns. Participou em todos os debates importantes sobre o futuro do panafricanismo aquando da independência, assim como nas reflexões sobre as escolhas de desenvolvimento que o continente poderia explorar. Mas, ao longo de todas essas experiências, ele nunca manchou a reputação relativamente à sua integridade intelectual e a sua honestidade pessoal, um facto que lhe valeu o sentido moral elevado que lhe conferiu o direito de fazer repreensões – em público e em privado – à primeira geração de nacionalistas, dado que muitos deles começaram a abandonar as ideias de nacionalismo, à procura de projectos pessoais de maximização do poder. A sua voz representava a da autoridade e ao longo da sua vida, à

medida que a primeira geração de dirigentes dava lugar às gerações seguintes, ele reservou-se o direito, exercido de maneira excepcionalmente magistral, de aconselhar, lembrar, criticar e condenar se necessário fosse.

Os membros do CODESRIA tiveram a oportunidade de gozar de uma visão global da rica experiência que incarna Ki-Zerbo quando este pronunciou um dos seus três discursos-programas por ocasião da grande conferência final que marcou a celebração do 30.º aniversário do Conselho em Dezembro de 2003 em Dakar (Senegal). Foi também uma ocasião durante a qual, em reconhecimento da sua contribuição, ele foi homenageado pela comunidade africana da pesquisa em ciências sociais, que o escolheu como membro vitalício do CODESRIA, ao lado de Archie Mafeje, Ngũgĩ wa Thiong’o e Ali Mazrui. Ninguém dos cerca de 500 pesquisadores africanos reunidos em Dakar para escutar o seu discurso abandonou o local da conferência sem se sentir inspirado, que pela riqueza e clareza da sua mensagem, quer pela coerência e lucidez com as quais, apesar dos seus 82 anos, pronunciou o seu discurso. Era o nosso Joseph Ki-Zerbo, o Iroko sem idade que, aos olhos da comunidade africana de pesquisa em ciências sociais, representava o mestre do pensamento de todos os tempos. Mas para além da África, ele foi igualmente celebrado enquanto dom raro para a humanidade como o testemunham os seus muitos galardões, de entre os quais o Prémio Nobel Alternativo atribuído pelos movimentos sociais de base às eminentes personalidades mundiais.

No seu discurso-programa pronunciado na conferência que marcou o 30.º aniversário, Ki-Zerbo reafirmou mais uma vez as suas responsabilidades enquanto intelectual africano: “Escolhi ser simultaneamente um intelectual e um homem politicamente engajado”. Na sua qualidade de intelectual politicamente engajado e socialmente responsável, Ki-Zerbo lega ao intelectual africano uma missão clara, coerente e simples: para ser pertinente, o intelectual africano deve mostrar em que medida ele ou ela é sensível e está engajado(a) em relação às dificuldades e às aspirações da sociedade e da humanidade. Ele entende assim o intelectual como alguém de “indeterminado”, independente, crítico, chamado a mudar, a ultrapassar e a contornar os outros”, e portanto comparável a um “crocodilo à vontade na sua água ou pouco à vontade fora da água”. Para ele, todos os que se consideram como intelectuais não deveriam ser passivos ou comprazer-se na neutralidade ou na inocência do pensamento. O intelectual impregna-se forçosamente na sociedade e não se pode autorizar a ficar a olhar para as coisas a estragarem-se. O intelectual nunca é totalmente independente do sistema do qual ele ou ela “constitui um mecanismo super-estrutural decisivo” (Ki-Zerbo, 2005: 79-80).

Assim, para Ki-Zerbo, um intelectual africano não pode dar-se ao luxo de ser neutro. Numa série de questões retóricas sobre este tema aquando da conferência que marcou o 30.º aniversário do CODESRIA, ele reiterou o seu ponto de vista:

“Mas, será que se pode permitir ser-se neutro num estado africano onde reina o monopartidarismo de facto? Será que se pode ser um espectador passivo diante da ostentação do pensamento único, seja ele exógeno ou endógeno? O intelectual pode acampar como um grande nómada no oásis de um deserto, enquanto que à sua volta acontecem os genocídios, os êxodos de refugiados, as torturas e as mutilações, os assaltos ao ambiente e à biodiversidade, a captura de jovens gerações como reféns,

como carne para canhão dos senhores da guerra, a dizimação da população pelas pandemias, o controlo sobre o exército republicano, a liquidação total e a erradicação de culturas milenares e de saberes únicos no seu género?” (Ki-Zerbo, 2005: 80).

Essas preocupações do eminente erudito defunto estão de acordo com o programa do CODESRIA intitulado Liberdade Académica e Responsabilidade Social, que encoraja e protege os ideais exprimidos claramente nas Declarações de Dar-es-Salam e Kampala sobre a liberdade intelectual e a responsabilidade social em África. O Conselho espera que os intelectuais africanos irão dar ouvidos e basear-se-ão na ideia de Joseph Ki-Zerbo relativa ao papel do intelectual em África. Através deste conjunto de homenagens prestadas pelos seus colaboradores, pelos contemporâneos, pelos amigos e pelos estudantes de Ki-Zerbo, o CODESRIA chama também a atenção para duas das suas últimas iniciativas: o “Projecto de Arquivo dos Eruditos Africanos”, visando conservar os arquivos pessoais dos eminentes pesquisadores africanos em ciências sociais; e o “Projecto de Documentação Oral do CODESRIA” que visa documentar a vida e a carreira profissional ou o itinerário dos pesquisadores africanos eminentes em ciências sociais. A este propósito, foi realmente uma sorte para o CODESRIA ver que a entrevista com o Professor Ki-Zerbo que ele comanditou tenha podido acontecer apenas algumas semanas antes do seu falecimento. O CODESRIA compromete-se a continuar a honrar a memória e a sua herança, bem como as dos outros desaparecidos. O Conselho, através das novas iniciativas, procura sobretudo assegurar que as contribuições para o saber e para a sociedade pelos intelectuais africanos sejam imortalizadas.

Enquanto instituição, só podemos felicitar-nos pelo facto de, durante o último mês da sua vida, e com o apoio da sua viúva Jacqueline e dos seus filhos, o CODESRIA ter tido o privilégio de gravar as entrevistas com ele sobre a sua vida, a sua obra, a sua época, no quadro da iniciativa do Conselho que consiste em documentar as contribuições dos eruditos africanos mais importantes em formato numérico, o que poderia tornar-se num verdadeiro instrumento pedagógico para as gerações presen-

tes e futuras. Ki-Zerbo e a sua família não poderiam ter oferecido aos membros do CODESRIA e à comunidade africana de pesquisa em ciências sociais no sentido largo, um melhor presente a transmitir ao mundo. E agora, exprimindo a nossa tristeza pelo seu desaparecimento, inspiramo-nos igualmente para celebrar a sua vida e para nos felicitar pelo facto de que durante a sua vida, Joseph Ki-Zerbo era dos nossos como um dos eruditos mais vistos e melhor conhecidos em África, um historiógrafo nacionalista de primeiro plano, um professor engajado e um militante a favor da independência política, intelectual e cultural africana. Como o provam as contribuições para este número especial do *Boletim CODESRIA*, Joseph Ki-Zerbo mantinha a cabeça erguida no que diz respeito às realizações, à erudição e ao intelectual. Passou o testemunho à jovem geração para prosseguir a tarefa de valorização de África e da dignidade dos africanos.

A sua mensagem de adeus à juventude africana era a de construir uma África que conte consigo própria, que seja respeitada a nível mundial enquanto mãe da humanidade e local de nascimento da história, e de fazer compreender aos parceiros de África o facto de que “não se pode cortar os cabelos a ninguém na sua ausência”.

Referências

Ki-Zerbo, J., ed., 1986, « Introduction Générale », *Histoire générale de l'Afrique : Méthodologie et Préhistoire Africaine*, Paris : Présence Africaine/Edicef /Unesco, pp.22-32.

Ki-Zerbo, J., 1990, *Éduquer ou périr : Impasse de l'Afrique et Perspectives*, Abidjan : UNESCO/UNICEF.

Ki-Zerbo, J., ed., 1992, « Le Développement clé en Tête », *La natte des autres : Pour un développement endogène en Afrique*, Dakar : CODESRIA, pp.1-71.

Ki-Zerbo, J., 2005, « Intellectuels africains, Nationalisme et panafricanisme : Un Témoignage », Thandika Mkandawire, ed., *Intellectuels africains : Repenser la Politique, le Langage, le Genre et le Développement*, Dakar : CODESRIA/ZED Books, pp.78-93.

Adebayo Olukoshi
Secretário Executivo

Francis B. Nyamnjoh
Administrador de Publicações
e Disseminação Programas